

Para Bresser o difícil é aqui



O ministro Bresser Pereira vai tentar evitar o que fez a Argentina, que negociou primeiro com o FMI, depois com os bancos e finalmente com o Bird. Não cumprindo o acordo com o FMI, o resto veio de água abaixo. O ministro brasileiro pretende, primeiro, negociar com os bancos, depois com o FMI, em seguida com o Clube de Paris e finalmente com o governo japonês. Esse o esquema do ministro, que está consciente das dificuldades que encontrará aqui para obter consentimento do PMDB para desenvolver um plano que considera realista, exequível e indispensável para encaminhar a solução definitiva do problema da dívida externa. Os deputados Pimenta da Veiga e Fernando Gasparian anteciparam nos Estados Unidos a reação da esquerda ao projeto do ministro. A autoridade do presidente Sarney e a flexibilidade do deputado Ulysses Guimarães serão essenciais para a aprovação do projeto.

Como ponto de partida da negociação, em setembro, Bresser colocará o *spread* zero. Os credores, no entanto, interessam-se pela "aritmética da proposta", isto é, querem saber com quanto cada um vai entrar para atender ao pedido de 7,3 bilhões de dólares afora o aumento de participação do Bird, do BID e das agências oficiais. Quanto cada um vai dar e quanto vai receber, no atendimento a dívidas em atraso. O Brasil está pagando os empréstimos de curto prazo às agências oficiais (principal e juros) e aos bancos multilaterais. Não pagou o primeiro semestre dos juros do Clube de Paris e suspendeu o pagamento dos juros de médio e longo prazos dos bancos privados.

A viagem do ministro Bresser Pereira foi uma retomada de contatos com o governo, o Bird e o BID. Em Nova Iorque, os srs Milliet e Bracher estiveram com o comitê dos bancos, com o qual o ministro tomou um café da manhã. O governo norte-americano não favorece melhor distribuição dos encargos (aumento da participação do governo e das agências oficiais). O governo pretende que o Brasil tenha qualquer tipo de entendimento com o FMI, mas, se os bancos aceitarem negociar sem isso, o secretário do Tesouro, Baker, não se opõe.

O ministro Bresser não falou em FMI, agora. Pretende, primeiro, negociar com os bancos e chegar em setembro autorizado pelo governo a entender-se posteriormente com o Fundo a fim de desenvolver a segunda etapa do seu plano, muito bem avaliado pelos técnicos. Seus problemas serão portanto mais internos do que externos e o entendimento do presidente Sarney com o deputado Ulysses Guimarães será a base da decisão.